

5^a Parte

Transcrições

A Poesia Nobre de Artur Eduardo Benevides

Inocência de Melo Filho

Artur Eduardo Benevides, é um poeta completo. Domina a arte poética. É um mestre, de fato. Sua poesia transborda lirismo, luz, encantos, nobreza e êxtases.

A afirmação acima advém do eco que floresce em “*A Noite em Babilônia e Outros relatos ao eterno*” (1998), publicação recente do poeta.

Este novo livro reitera e experiêcia, a maturidade, e a lucidez que se expressam nos dois livros anteriores, “*Elegia Setentã e Outros poemas de entardecer*” (1996) e “*Escadarias na Aurora*” (1997). Se fosse o caso, estas obras poderiam moldar-se à condições de uma trilogia, apesar das suas individualidades.

Em “*A noite em Babilônia*”, “Tudo se inventa”, finge-se, “Nada é falso”. Vigora o relato verdadeiro do amor que se distingue como algo eterno, incapaz de perecer.

O amor, a solidão e a morte, caracterizam a poesia de Artur Eduardo Benevides, além destas características, a mulher é uma marca privilegiada em sua poesia, assim como é na de Vinícius de Moraes.

A solidão e a saudade se manifestam na poesia de AEB, despertam em nós um momento metafísico, ou seja, de indagações. A solidão e a saudade são termos distintos ou geram uma fusão? Sabemos que, tanto a saudade quanto a solidão expressam ausência.

No poema “*Solidão*” do livro “*Elegia Setentã*”, a saudade e a solidão não se fundem mas se mostram numa condição paralela:

*As solidões se amam.
E um rio de saudade
vai unindo na noite quase todos os homens.*

“Não quero a condição dos que se vão sozinhos”. O poeta renega a solidão, e a saudade que ela possa gerar. Desejando apenas “o que estiver nos vitrais da poesia”.

Os poemas “*Canto de Afirmação*” I e II, “*Adágio*”, “*Andante Contabile*” e “*Finale Verdadeiro, Com Oferta*”, inseridos no novo livro de AEB, aproximam-se dos poemas de *Menotti del Picchia*, concentrados em as “*Máscaras*” (1917). Essa evidência fica mais nítida no poema “*Adágio*”:

*Afinal, quem serás, Colombina?
Guardas na mulher o sono da menina
que um dia não valsou
com o pobre Pierrot.
Conheces o lamento que chega a barlavento
e, indormido, toca a tua face oculta?
A teu lado regouga a turbamulta
que não te vai alcançar.
E ficarás a dançar
no baile a que irás eternamente.
Em todos os que sonham ainda estás presente.
E Arlequim – te seduz? Ainda faz jus
ao teu furtivo olhar,
talvez indiferente com o tempo a passar?
Ou é só um desejo a emergir do festejo
em que os noviços da beleza
ficam a sonbar, olhando-te em grandeza?*

O eolismo é uma propriedade da poesia universal, assim sendo, a poesia de AEB, não se mostra alheia a esta realidade, pois há em sua literatura variadas formas de manifestações eólicas. No poema “*As Amadas*”, do livro “*Elegia Setentã*”, o eolismo se mostra substantivado, ao lado de uma manifestação erótica, revestida de plasticidade. O eolismo pode se apresentar independente de outras manifestações. É o que se percebe no poema “*A Morte*”, do novo livro do poeta:

*O vento beija de leve
os pássaros inexistentes*

*que sussurram delícias
sobre o bico dos seios das Amadas.*

*Lá fora, o vento não diz nada.
Traz, talvez, disfarçada gargalhada.*

O poeta AEB louva o mar, reconhece sua infinitude, sua violência, seu terror, e o mistério que reside nas suas águas. Divide-o em dois, mar interior e exterior. Tornando-os mundos. Na avaliação crítica de Teoberto Landim, “O mar é uma temática evasivista, que percorre toda a poesia benevidiana”.

O mar que fascinou Camões e Fernando Pessoa, fascina AEB. Em sua poesia o mar é um tema longo, é uma metáfora que se nutre na subjetividade e no lirismo, tecendo outros temas calcados no saber bíblico.

A poesia benevidiana define o mar, compara-o à outras coisas relacionadas a realidade dos mortais. Os poemas que recebem o título de “Contemplação do final do outono”, em “A Noite em Babilônia”, o mar transita explicitamente e implicitamente, mas no quarto poema, o mar é por demais explícito, não sendo um símbolo de esperança, mas de punição:

*Ao pé dos degraus, entanto, estão as naus
em que não iremos porque não soubemos
amar o mar, o mar, o mar tão mar, o mar
que um dia lavou os pés de Deus
e se partiu em dois quando voltavam os hebreus.*

“A Noite em Babilônia” é um livro completo, tanto quanto o seu autor. É por isso que ele abre um novo caminho na poesia brasileira, tão carente de boa qualidade...